



Director literario:

Arquibaldo
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Luiz Collares
PAPUSSE

AS FADAS

Por MARIA LEONOR LIMA BRANDES — Desenhos de EDUARDO MALTA

(Continuação do número anterior)

COMTUDO, as intrigas continuaram sempre. Viviana, um dia, chamou-me, e, como muito minha amiga que tinha sido até ali, disse-me: — «Eu não posso, continuar vivendo no meio de intrigas, de que és tu só a causadora. Como fui sempre tua amiga, quero prevenir-te duma coisa.

Mafalda, choras? Porquê?»

— «Sou muito infeliz, minha boa Rainha, eu não mereço o vosso desprezo. São só as intrigas das outras fadas, que fazem com que a Rainha se indisponha comigo. Eu não tenho culpa de ser a mais habilitada.

— Pois quê, será possível?...

— Sim, Rainha, é por eu só bordar os mantos da Nossa Senhora que elas me intrigam. E' a inveja e mais nada.

— Eu saberei isso.

— Olhe, boa Rainha, chame a fada Helena, a filha do Jorge, o barbeiro de S. Pedro, ela lhe dirá, porque é boa, a verdade inteira.

Continua, minha filha.. disse a mãe de Mafalda. E Mafalda continuou: Foi a fada Helena, que sempre foi minha amiga, quem me salvou. A Rainha Viviana é boa, mas muito fraca. Acredita em tudo que lhe dizem, e eu estava perdida para sempre se não fôra Helena fazer com que Viviana abrisse os olhos e visse quem era a intriguista. Helena, a fada sonhadora, contou então à Rainha um sonho que tivera e que tudo esclareceu.

— Eu sonhei, minha boa Rainha que, via uma fada das nossas a falar com um homem muito feio, que me pareceu o diabo.»

— «E aonde foi que tu o viste?»

— «Além, no Chão dos Meninos, no caminho do cemitério.»

— «Oh! Isso é grave, uma fada a falar com um homem, homem ou mulher! As fadas, enquanto fadas são, não podem falar senão com fadas, e depois sem que eu autorise!...

— «Pois foi assim. Até ouvi o que disseram!»

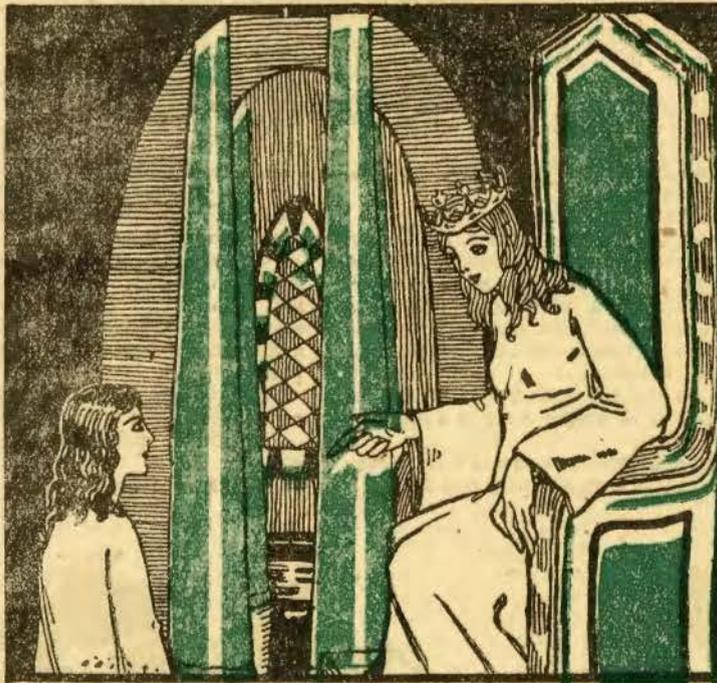
— «E que foi que ouviste?»

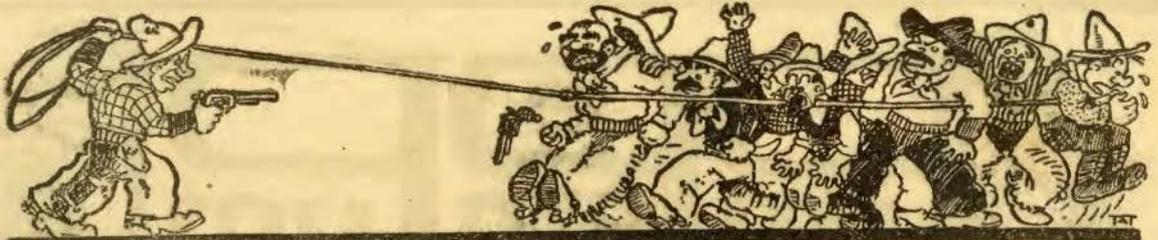
— «O tal homem muito feio dizer à fada, que não é outra senão a Adelaide dos Caracois:—assim que Viviana tire toda a confiança a Mafalda, eu a irei buscar para o Inferno, a fazer companhia às minhas fadas, aos génios maus. Preciso transformá-la porque deve dar, por ser muito boa, uma bela Rainha assim que entre a porta do Inferno».

Logo que Helena expoz a Viviana o

que acabei de dizer a minha mãe, a Rainha não a quiz ouvir mais, viu naquelas poucas palavras de Helena, toda a expressão da verdade; chamou a fada Adelaide dos Caracois, e disse-lhe: — «Tu serás maldita o resto dos teus dias! Nem o diabo com quem falas, te valerá». E, tocando com a sua varinha de condão nos vestidos da Adelaide

(Continua na pagina 6).





UMA FITA AMERICANA

UMA AVENTURA DE COW-BOYS • DESENHOS E TEXTO DE
CARDOSO LOPES

SNAKE'S CITY era uma das mais pacatas cidades do Far-West.

Viver em Snake's City seria um céu aberto, se não existisse pelos arredores um temível bandido chamado Broncho-Bill, por alcunha o «Esganagente», que, em companhia de uma dúzia de outros não menos temíveis bandidos, raro era o dia em que não faziam das suas.

O «sheriff», um rapaz novo e cheio de vida — Jack Fatherson — tinha jurado aos seus deuses que havia de apanhar «Esganagente» vivo ou morto, logo que se lhe apresentasse ocasião.

Além disso, grandes recompensas ofereciam a quem fosse capaz de o capturar.

Como em todas as fitas cinematográficas, havia em Snake's City uma rapariga linda como poucas — tinha só o nariz enorme e um olho torto, mas isso não fazia diferença — a quem toda a rapaziada fazia rapapés, mas — (aqui para nós que ninguém nos ouve) — a quem ela dava atenção era ao «sheriff», não sei lá porquê. (Isto não é dizer mal, tanto mais que eu não sou de intrigas).

Micaela, assim se chamava — lindo nome não acham? — já não tinha mãe e seu pai, Joe Pillow, o importante industrial de Snake's City fazia-lhe todas as vontades, pois que, como era filha única não via outra coisa.

Ora um dia, — aqui é que começa a história, Joe Pillow recebeu uma avultada quantia, destinada a montar uma importante fábrica de água a ferver e, passando ocasionalmente pela casa do «sheriff» com a filha, mostrou-lhe o sacco em que levava o ouro, explicando-lhe para o que se destinava e pedindo-lhe, ao mesmo tempo, que não dissesse nada porque se o «Esganagente» soubesse...

Mas um dos homens do terrível facinora que andava espiando os arredores, pôs-se de atalaia e ouviu a conversa toda.

Em menos de um segundo, montou a cavalo e foi prevenir o chefe, que combinou logo o assalto para essa noite.

Joe Pillow logo que chegou a casa, guardou o dinheiro dentro de um cofre de segredo, certo de que todos ignorariam a existência de tão importante quantia.

Altas horas da noite, um grupo de embuçados a cavalo, atravessou a cidade e dirigiu-se para a casa do grande industrial.

Eram os bandidos!!!

Com mil precauções arrombaram a porta da residência e entraram.

Mas um vulto que os seguia nas trevas de pistola em punho entrou atrás deles...

Quando lá tinham o cofre arrombado e se preparavam para fugir, apareceu-lhes em frente o tal vulto que lhes gritou:

— Para trás miseráveis!!!

Deem-me o dinheiro ou morrem...

Os bandidos ficaram como que petrificados.

Aproveitando a atropalhão, Fatherson — (porque não era outro senão ele) — atirou-lhes o laço e prendeu-os a todos, conservando-se sempre a distância respeitável por causa das dúvidas.

Mas um grito fê-lo olhar para trás.

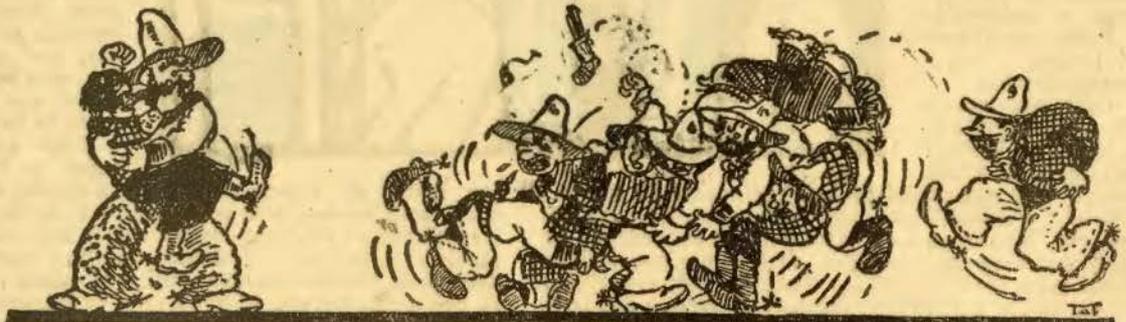
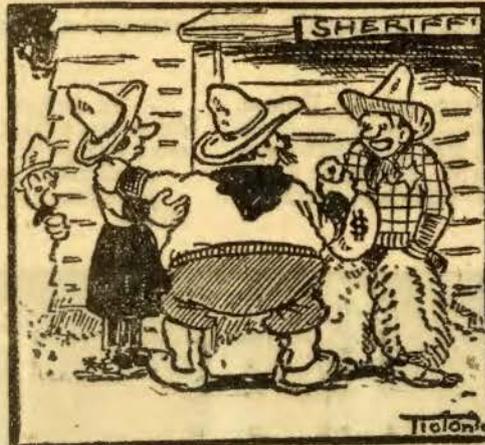
Era Micaela, a gentil filha do industrial, que tendo ouvido ruídos suspeitos no rés-do-chão, vinha ver o que era.

Os bandidos já refeitos do susto e aproveitando a distração do «sheriff» atiraram-se a ele com unhas e dentes, — mas não davam dentadas — e enquanto «Esganagente» agarrava a pequena, o resto dos bandidos amarravam e amordaçavam o rapaz, dando-lhe uma coronhada na cabeça para o aturdir.

Quando iam a sair, ouviu-se, de repente, um ronco forte e prolongado que os fez estacar.

Aplicando melhor a atenção chegaram à conclusão do que era.

Tinha sido Joe Pillow a voltar-se para o outro lado...



Montaram novamente a cavalo e partiram, levando os pesados fardos dos dois raptados.

* * *

Depois de duas horas de caminho, chegaram a uma casa construída de troncos de árvores no meio da montanha.

Abriam a porta e atiraram lá para dentro o «sheriff» fechando-a cuidadosamente logo em seguida.

Este depois de algum tempo de entorpecimento, começou a dar acôrdo de si, ficando espantado de se vêr em tal sítio. Além disso, as cordas com que o tinham amarrado, magoavam-no a valer.

Num esforço formidável de energia, estoirou as cordas !! Era realmente espantoso !!! (eu não me espantei muito).

Pôs-se em pé com alguma dificuldade e dirigiu-se para a porta.

Felizmente não lhe tinham levado a pistola que, posto que não tivesse muitas balas, ainda chegaram para arrombar a fechadura.

O sol já tinha nascido.

Logo que chegou cá fora, como não encontrasse nenhum cavalo, Fatherson correu na direcção em que lhe parecia estar a cidade.

* * *

Entretanto, em Snake's City, grandes factos se tinham passado.

Uma personagem qualquer, que passou de manhã pela residência de Joe Pillow, reparou que a porta estava aberta e, estranhando esse facto, entrou.

Constatou então que Pillow tinha sido roubado pois que o cofre estava aberto e a papelada espalhada pelo chão.

Fez um grande alarido, subiu a escada e foi encontrar Joe Pillow a roncar que nem um porco.

Depois de lhe ter dado três duzias de sócos no nariz, acordou-o e pô-lo ao facto do que se passava.

Foi então que o grande industrial caiu das núvens (em sentido figurado, é claro). Estava roubado !...

Desceu pela escadaria e... estava roubado de facto...

Arrepelou-se, chamou pela filha, pela polícia, pelos bombeiros, por toda a gente contando-lhes a sua desgraça em altos berros.

Tinham-lhe roubado a filha e o dinheiro !!!

Quando finalmente socegou, pôs-se a pensar mais maduramente no caso e olhando para um canto viu um chapéu...

Ao menos já não perdia tudo...

Mas os olhos arremelgaram-se quando viu que no interior do chapéu tinha umas iniciais — J. F.

— Jack Fatherson !!! regougou Pillow, foi êle que roubou a massaroca !!!

Escusado será dizer que recaíram todas as suspeitas sobre Fatherson, tanto mais que era o único que sabia da existência do dinheiro.

Imediatamente montaram a cavalo e partiram em busca dêle

* * *

Depois de ter corrido por montes e vales, Jack Fatherson viu, ao longe, um grupo de cavaleiros.

Correu nessa direcção, gritando, para ver se o ouviam.

Os cavaleiros depressa o avistaram, mas qual não foi o seu espanto ao ver nêles os bandidos, tendo «Esganagente» à sua frente, na sela, a bela Micaela ! (até faz verso).

A pistola de Fatherson era agora inútil por não ter balas. «Esganagente» ao vê-lo assim desarmado gritou-lhe:

— «Eh, franganote ! Mostra lá quem és agora»...

Rangendo os dentes de raiva, Fatherson gritou-lhe:

— «Esganagente» ! Se teu pai tem um filho valente, o meu tem outro e se não és cobarde, desafio-te para uma luta à beira daquele precipício»...

E, dizendo isto, apontava o alto de uma rocha que ficava sobre um abismo, onde nem as águias se atreviam a fazer ninho, por causa das vertigens...

— «Aceito !!! mas não vale bater nos dedos»... disse «Esganagente».

E saltando do cavalo abaixo, dirigiu-se, seguido pelos seus homens, para o tal precipício.

Com o olhar faiscante (parecia um isqueiro) fito um no outro, travaram (ou antes destravaram) a luta terrível feroz, no alto da penedia.

Este bocadinho é muito impressionante...

«Esganagente» tentava confirmar a alcunha que tinha, mas Fatherson, ágil como um tigre empalhado, escorregava-lhe por entre as mãos.

E a luta continuava — Pum !... Zás !... Catrapaz !... Pim ! ai ! ui ! toma ! leva !...

Por fim, Jack Fatherson com um sóco formidável partiu três queixais a «Esganagente».

Aproveitando a atrapalhação, agarrou nêle ao ar e...

zás !... atirou-o para as profundezas incomensuráveis do precipício...

Os bandidos soltaram uma exclamação de espanto !

Fatherson queria aproveitar aquela ocasião para se pôr a salvo, mas não podia.

De um lado o precipício, do outro os bandidos armados de pistolas e de muito más intenções.

Estava perdido, irremediavelmente perdido !

Lembrou-se, então, dos momentos mais felizes da sua vida, via-se ainda menino e moço, sonhava com Micaela, etc., etc., etc.

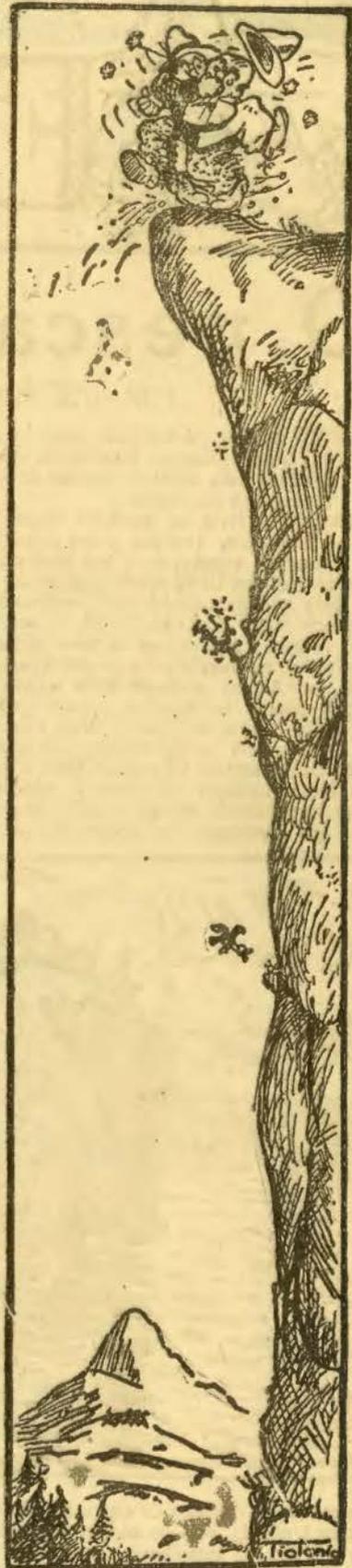
Voltando a si do sonho acordado em que estivera, olhou e viu os bandidos fazendo já a pontaria...

— Oh, não ! Antes a morte que tal sorte...

E voltando-se para o precipício fechou os olhos, levantou os braços e... neste momento, ouviu exclamações na parte de traz.

Por um movimento de curiosidade, guardou a morte para outra ocasião e voltou-se.

A' frente de uma porção de cavaleiros, já muito seus conhecidos e entre êles Joe Pillow, caminhava Micaela de





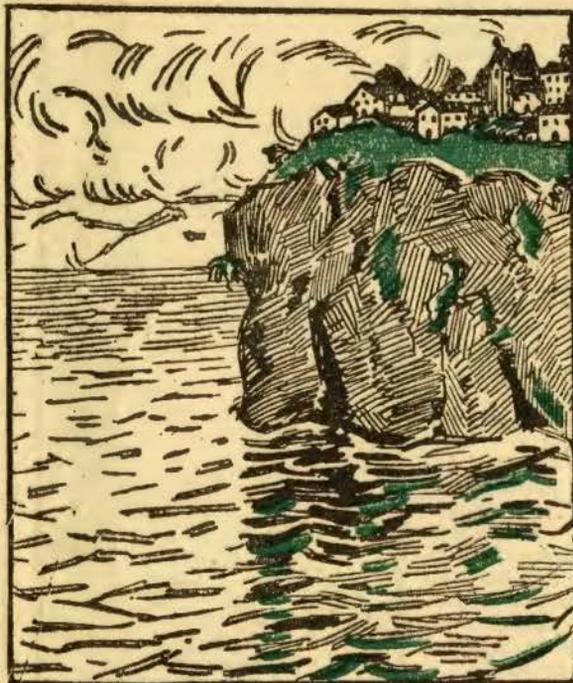
O pescador de pérolas

POR JOSÉ R. RAU — DESENHOS DE EDUARDO MALTA

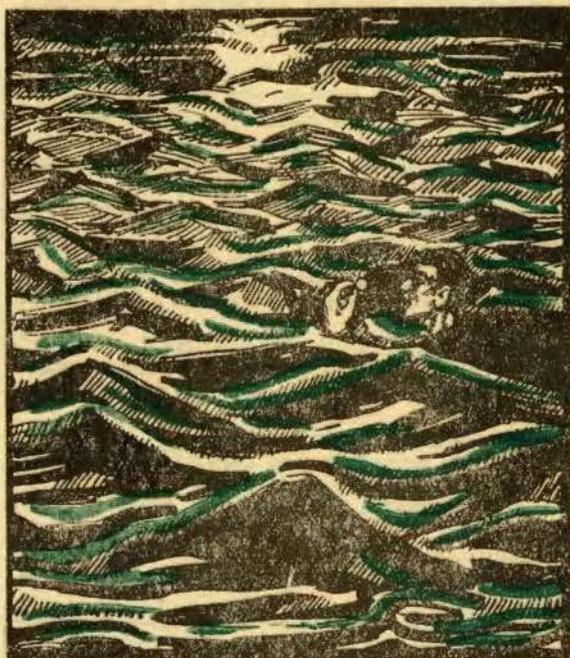
RENTE ao mar, debruçada sobre uma baía profunda, havia, antigamente, uma aldeia toda branca, que era tal qual uma menina vestida de noiva mirando-se no espelho das águas.

Nessa aldeia vivia um pescador chamado Marcos. Mal o sol, no horizonte, acendia o seu primeiro relâmpago de ouro levemente rosado; ei-lo que fendia as ondas a golpes de remos, na sua linda canôa que, então, levantava ao céu uma vela que parecia um lenço a dizer adeus. Marcos era um moço forte, arrojado, hábil no seu ofício, e todas as noites voltava à aldeia com as rêdes inchadas de belos peixes scintilantes. Queriam-lhe muitas raparigas, segundo ouvi contar, mas êle em nenhuma delas achava o alvoroço do seu coração. Assim lhe sucedia, muitas vezes, depois da ceia, ficar deitado num rochedo a ouvir a misteriosa canção do mar e a envolver na sua música, constante e surda, o rosto pálido duma mulher de cabelos finos e longos. Nessas ocasiões êle aparelhava mais cedo e, como que obedecendo a um gesto invisível, navegava mais longe. Mas, por mais longe que navegasse, encontrava sempre o mesmo mar, as

crista das demais e desaparecer na ressaca turva. Marcos cantava, serenamente. Então, um vento desabalado começou a varrer o oceano, despedaçou a vela, quebrou o leme e arrastou a canôa durante milhas. Um vagalhão enorme levantou-se, côncavo e borbulhante. Marcos julgou que ia morrer. Porém a canôa subiu o dorso da vaga, oscilou na sua orla ferveda e, do outro lado, à superfície do mar era duma planura suave e quente. Estendia-se, como um deserto de safiras, até



mesmas ondas cobertas de espuma e nas rêdes, que recolhia sempre à mesma hora, os mesmos peixes scintilantes e vivos. Até que um dia amanheceu carregado de núvens, batido de tempestade, com vagas furiosas desabando nos rochedos e fazendo subir às casitas da aldeia uma humidade amarga e leve. Nesse dia, Marcos foi o único pescador que se fez ao mar. A população inteira viu-o partir entre cantilenas de aflição, galgar a primeira onda, bailar como uma folha na



ao horizonte, onde o sol faiscava de novo os seus raios de ambar claro. Marcos, louco de alegria, lançou as rêdes. E retirou-as, logo, abarrotadas de peixes aos cardumes, tantos e tantos que esfregou os olhos para ver se não sonhava. Havia ali magníficas pescadas, excelentes pargos, fulvos safios, gordos gorazes, ásperos cações, reluzentes corvinas, electricas arraiaes, de mistura com uma infinidade de peixinhos saltitantes, de guelras esbofadas, cujas escamas prateadas luziam como pequeninas lâminas. Quando Marcos safou o último cabo de rêde, a canôa quási metia água. Radiante e embaraçado, o pescador não podia descobrir a maneira de voltar à terra com aquilo tudo. Puxava já os cabelos de aflição, quando reparou num caso extraordinário: do amontoado dos peixes separava-se um caranguejo ruivo, andando às avessas, segurando nos bicos das tenazes uma bola branca. O horrível animal trepou a amurada muito socegradamente e deixou-se cair na água com um ruído mole. E a bola branca ficou na borda da canôa, tremendo, quási a cair também. Marcos estendeu a mão e agarrou-a entre os dedos. Era uma pérola!

E tão grande, tão linda, que Marcos se esqueceu a con-

templá-la, a acariciar a sua dureza brilhante. A cauda afundava-se, aos poucos, no mar. Ele, com água pelos joelhos, contemplava ainda a pérola. Subia-lhe já a água à cintura e já a canoa se via através da água e ele, sempre de mão estendida, a contemplar a pérola. A certa altura, sentiu um chapinhar doce na garganta e, saindo da sua distração, viu que era apenas uma cabeça perdida no mar, uma cabeça



misteriosa que tinha uma mão fóra de água e uma linda pérola nessa mão. Então, como de nada lhe serviria guardar a pérola, arremessou-a longe. Mas a pérola não mergulhou e foi crescendo, crescendo, até se rachar pelo meio e transformar-se numa donairosa embarcação. Marcos agitou os braços, nadou uns metros e saltou para aquele formoso escaler que não tinha remos, mas fosforejava todo duma suave luz e que, mal ele o ocupou, começou a navegar.

Uma mancha escura apareceu no horizonte. O navio de pérola foi-se aproximando e breve chegou a uma costa de penhascos altíssimos, negros como carvão, e onde era impossível desembarcar.

O navio continuou a sua derrota, até entrar devagarinho por um canal estreito que se abria numa fenda. O canal era curto e Marcos encontrou-se depressa num lago interior, de águas imensamente pesadas e translúcidas, rodeado de cavernas de cristal de rocha onde cresciam trepadeiras lilazes. Em frente de cada caverna, mergulhada até aos ombros, estava uma mulher loira, de olhos cinzentos, cantando. Quando acabaram de cantar, uma delas abeirou-se de Marcos com uma folha de trepadeira na mão e disse-lhe:

— Sê bemvido, pescador. Nós somos as Sereias e esta ilha pertence a Iliana, a Rainha do Mar. —

— E que venho eu cá fazer? —

— Iliana aguarda-te. Vamos conduzir-te ao seu palácio, que fica no fundo do mar. Porém, como tu és homem e só respiras ar, come primeiro esta folha de trepadeira que faz com que os homens respirem também água. —

Marcos hesitou e olhou a superfície fria das águas. Mas viu nela a imagem que o perseguia há tanto tempo: o rosto pálido duma mulher de cabelos finos e longos. Então, ces-

sou de hesitar, comeu a folha de trepadeira e mergulhou. Teve logo a sensação de que andava no mar como costumava andar em terra. E reparou que as sereias tinham forma humana até metade do corpo e, daí para baixo, escamas e rabos de peixe.

O palácio da rainha Iliana ficava, realmente, no fundo do mar e era todo construído de mármore cõr de rosa. A sentinela era um valente golphinho, de barbas azuis, que empunhava uma lança. Nos degraus da escadaria estava um polvo gigantesco com o peito cheio de medalhas, arengando uma comissão de lagostas que vinha decerto pedir audiência. As sereias despediram-se de Marcos e, com um elegante bater de rabos luzidios, regressaram às suas cavernas. O polvo gigantesco, que era o chefe do protocolo, assim que viu Marcos abandonou as lagostas, corcejou-o e introduziu-o no palácio, enquanto o golphinho fazia continência.

A primeira sala tinha paredes de coral vivo e sangrento e duas filas de tubarões formidáveis que, à sua chegada, desembainharam as espadas agudas. A segunda sala era redonda, esculpida em cristal reluzente e nela se aprumavam duas filas de espartes do regimento da rainha, com o seu uniforme de gala e luvas brancas. A terceira sala, espaçosa como um templo, parecia um verdadeiro jardim de plantas animadas, cheia de ouriços, de estrelas, de anêmonas, de alforrecas, de milhares de animais formosos inofensivos. Ao fundo desta sala havia um pórtico oval, coberto por um reposteiro de algas muito verdes e leves. Afastou-o com as mãos e logo nos seus olhos dardejou um fulgor de luar, semeado de diamantes.



Encontram-se nos aposentos particulares de Iliana, duma beleza de sonho, com rendilhadas colunas de pórfiro e lâmpadas pendendo do teto. Quiz recuar assustado, mas uma força invencível obrigou-o a seguir adiante. Estavam ali sereias mais loiras, mais vaporosas, mais lindas, em derredor dum trono feito de conchas cambiantes. Nesse trono, vestido dos pés à cabeça por cadeias de pérolas, Marcos viu, pela primeira vez, Iliana, a Rainha do Mar. E estremeceu de amor, porque o rosto de Iliana era o rosto duma mulher de cabelos finos e longos! Iliana murmurou, com um sorriso:

— Comeste a folha de trepadeira, Marcos, e nunca mais voltarás à tua terra. Queres ser o meu esposo? —

— Ele sorriu e beijou Iliana. As sereias cobriram-no todo de fios de pérolas. O povo gigantesco, aproximando-se, estendeu-lhe ao pescoço o colar da Ordem do Arenque (privilegio de reis). E o pescador Marcos nunca mais voltou à sua aldeia branca, debruçada sobre uma baía profunda, como uma menina vestida de noiva mirando-se no espelho azul das águas.

Esquecia-me dizer aos meninos que o padre que casou Iliana e Marcos era, simplesmente, um carapá. Vejam lá agora se o comem frito, esta noite, ao jantar!

Continuação do conto: — AS FADAS

dos Caracois, transformou-a imediatamente, numa mulher velha, feia e desgedelhada: — «Vai, velha feia, só-me-te da minha vista! Esmola de porta em porta que não morrerás de fome». E Viviana repreendeu as outras fadas por terem acreditado na Adelaide dos Caracois. Eu, minha mãesinha, continuei gosando da confiança da Rainha e tenho, desde então, feito lindos mantos e túnicas de Nossa Senhora que os tem apreciado muito e quiz, noutro dia, ver-me no céu, para me apresentar aos anjos mais lindos da sua corte. E lá fui, um dia, levada numa nuvem, acompanhada por Viviana. S. Pedro, o porteiro do céu não estava avisado da minha visita, não me queria deixar



pelo mar fóra pela fada Viviana, encontrava-se a mãe da fada espriando a vista pelo mar, além, a vêr se por ali vinha a sua filha. E viu, o que mais ninguém verá, o espectáculo mais lindo, mais surpreendente que pode imaginar-se. Era um cortejo interminável de fadas que vinha entregar Mafalda a sua mãe, que a esperava já impaciente.

Mafalda tinha acabado o seu tempo, e como foi sempre boafada, a Rainha Viviana veio entregá-la, novamente, a sua mãe, porque tinha sido Viviana quem a tinha levado pelo mar fóra.

As fadas abriram fileiras e Mafalda caiu nos braços da mãe, chorando a separação das suas amigas e da Rainha Viviana. Mafalda pediu a Viviana que não lhe tirasse o condão e Viviana deixou-lhe a sua varinha e foi seguida de todas as fadas da sua corte pelo mar fóra e entraram no seu palácio encantado, mais tristes do que a noite negra dos trovões. Já não viam mais a fada Mafalda, nem veriam mais umas mãos de fada, tão lindas!...

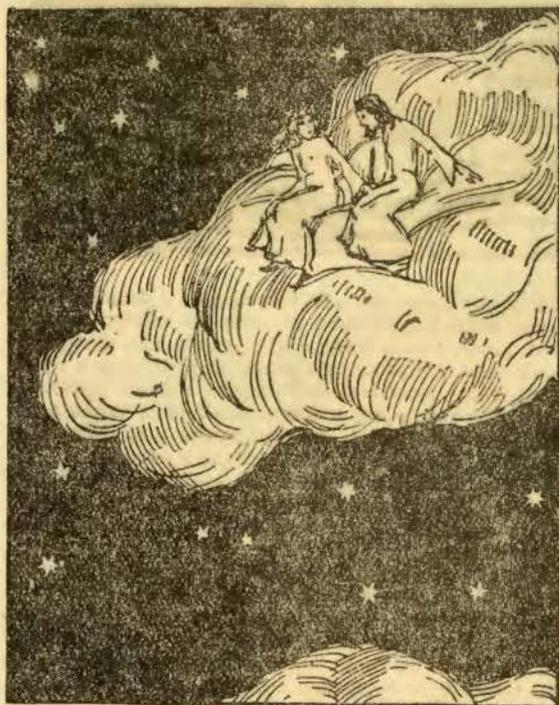
No outro dia apareceu uma rapariga, abandonada pelos ciganos, num logarejo ali próximo. Houve alguém que disse que a rapariga se parecia com a filha do pescador que tinha morrido no mar. Preguntaram-lhe, e ela sabia que tinha sido roubada à mãe, numa praia, pelos ciganos.

— E' ela, é ela!

E levaram-na à vila e logo a mãe a reconheceu.

Abraçaram-se muito, a chorar. Os homens do mar fizeram grande festa pelo aparecimento da filha do pescador que morrera no mar alto, a pesar.

Naquela noite, na praia, os pescadores e suas famílias enfeitaram os seus barcos com balões à moda do Minho,



dançaram ao som do harmonium em honra da aparecida. E só Mafalda via, naquela noite, um lindo fogo de artifício, queimado muito longe, lá no mar!...

Mafalda dançou com sua mãe algumas modinhas e, quando dançava, dizia-lhe ao ouvido:

— Tu não vês, lá no mar, além, longe, um lindo fogo?

— Eu não, minha filha; não vejo nada!

— Espera um pouco, tu vais vêr, mãesinha, o que eu vejo além; que linda coisa! Eu já vi igual muitas vezes.

entrar, mas o Jorge, o seu barbeiro, disse-lhe:—O' Santo, não vês que vem acompanhada pela Rainha das fadas?!

— Então que passe.

E nós passamos. E eu não vi nunca, minha mãe, tanta coisa bonita. O palácio das fadas, na profundidade dos mares, é lindo, é muito rico, mas no céu, a um só cantinho, reúnem-se mais riquezas do que no nosso palácio, e do que em tudo mais que tenho visto. A beleza dum anjo vale mais que todas as belezas reunidas da terra. E a contar-lhe, minha boa mãe, tudo quanto por lá vi, não acabaria tão depressa. Os anjinhos não queriam que eu voltasse à terra; gostaram muito de mim, mas Nossa Senhora não consentiu, e disse:— Ainda é cedo. Primeiro há-de vira mãe que tem sido boa na terra e precisa o céu para descanso; depois virá a filha juntar-se à mãe e ao pai.

A mãe de Mafalda não pôde conter as lágrimas; chorou, chorou, mas ficou contente por saber seu marido em bom lugar.

— E tu, minha filha, não ficas ainda desta vez em casa?!

— Então, minha mãe, já se esqueceu que eram precisos dez anos para deixar de ser fada?!

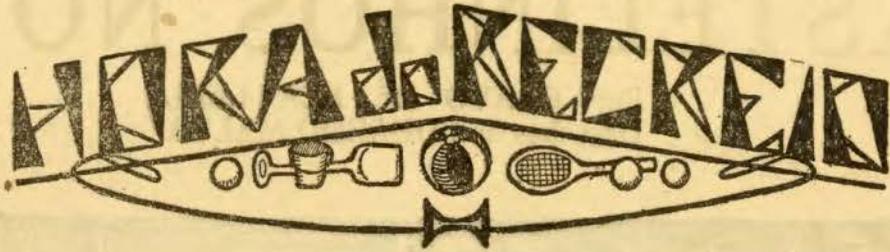
— E' que estes cinco anos para mim, têm parecido muito mais. Eu queria ter-te aqui sempre ao pé de mim.

— Só faltam cinco anos, E agora vou dar felicidade a muitos lares que dela precisam. A minha peregrinação, desta vez, é maior. A miséria cada vez mais. O mundo está agonizante, é preciso salva-lo, desenvolver o Comércio e a Indústria para dar trabalho a tantos milhões de operários que se debatem numa crise pavorosa.

Adeus, mãesinha, até de hoje a cincoenta anos. E deixando à mãe, outro saquinho cheio de ouro, seguiu seu caminho sem ninguém a vêr!

Mais cinco anos passaram, ao fim dos quais, numa noite de lindo luar, na mesma praia onde Mafalda foi levada

(Termina no próximo número).



CRAVOS DE PAPEL

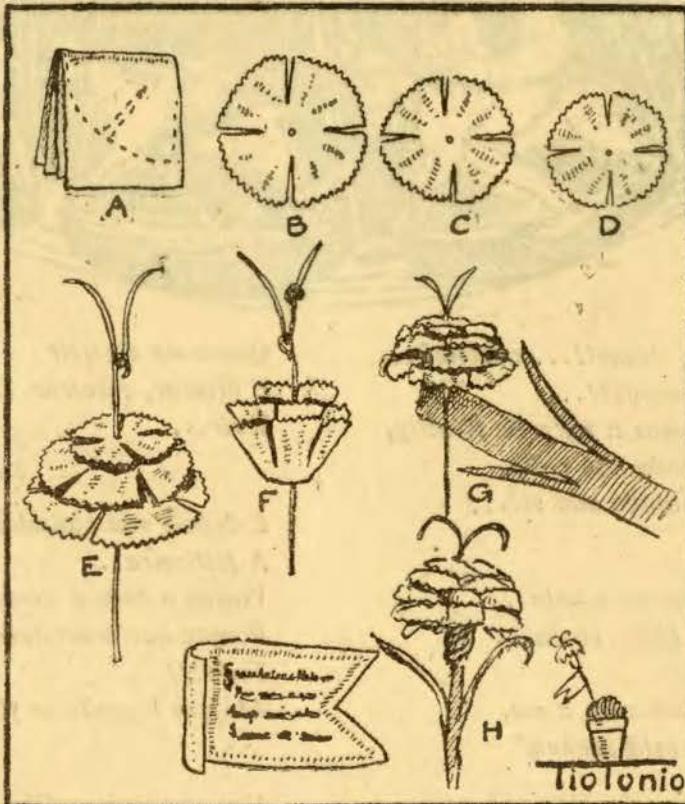
Minhas excelentes «sobrinhas»

Cabe hoje a vez de vos ensinar, como se fazem cravos de papel.

Primeiramente fazem uma porção de rodelinhas de papel de seda vermelho em 3 tamanhos diferentes, que se cortam como indicam as gravuras, e se frizam, passando com as folhas de papel entre a lâmina da tesoura e o dedo.

Depois, arranjam um arame fino, fazem-lhe uma argolinha na ponta, à qual atam uma linha branca.

Enfiam no arame, primeiro 3 rodelinhas peque-



nas (letra C) depois 3 médias e por último três grandes.

Apertam-se ao centro com uma linha, pondo-lhe um pouco de cola forte para ficar mais consistente.

Corta-se uma tira de papel de seda verde, que se enrola rodeando o arame que deve ter anteriormente um fiosinho de cola.

Podem, querendo, pôr-lhe também uma bandeirinha na qual escrevem uma quadra bonita.

Estão satisfeitos?

Uma fita americana

(Continuação da pag. 3)

pistola em punho, atacando os bandidos! O que tinha sucedido?

Nada mais natural.

A pequena tinha, devido à distração, conseguido fugir e no meio do caminho encontrou o pai, que na companhia de alguns «cow-boys» vinha prender o «sheriff».

Os bandidos vendo que toda a resistência seria inútil, entregaram-se, bem como também entregaram o saco do dinheiro que haviam roubado.

Como prova de reconhecimento, Joe Pillow tirou generosamente da algibeira uma nota que entregou a Fatherson, dizendo:

— Toma lá cinco tostões para beberes um capilé...

Este recusou delicadamente e respondeu:

— Sr. Joe Pillow, Não sou interesseiro. Recuso o capilé, mas quero sua filha que para mim vale por dois ou três capilés juntos...

Todos os companheiros de Jack deram tiros para o ar em sinal de regosijo pelo facto, e Micaela, olhando envergonhada para o chão, foi-se aproximando do pai, que, sorrindo, deu o seu consentimento, monologando:

— Afinal o maroto sempre me roubou qualquer coisa...

E para terminar como todas as fitas americanas... o resto adivinha-se...

F I M

CASTELINHOS NO AR

Por OLAVO DE EÇA LEAL
Desenhos de EDUARDO MALTA



Anda, Manel!... ouviste?...
Anda daí!...
Vamos à feira de Neuilly,
Que tu ainda não viste,
E que eu ainda não vi!...

Pim!... lá vai a bola...
Pam!... tudo rebola...
Pum!...
Calram todos um a um,
E já não está nenhum
De pé!...

A empear,
O ar,
Andam cheiros de fritura
De café,
E de mistura,
Os tin!... tin!... tins!...
Da música da Feira...!
E os Marionetes e Arlequins...!
A cantar! a dançar!...
Numa grande brincadeira...

Vamos andar no Carroussel,
E depois vamos comprar,
Cornetas de papel...!
Anda daí... Manel...

Quero-me divertir
E brincar, e berrar...
E rir...

E depois vou consultar
A feiticeira...
Vamos a toda a parte
Porque quero ver tudo,
Tudo!!!...
Até que a gente se farte...

Vou comprar uma bandeira,
Para pôr no meu chapéu

E no teu...
E depois
Nós os dois,
Berraremos
E faremos
Uma enorme chinfrineira...

O quê?
Já não há Feira?
E eu a imaginar...
E eu a rir...

E' o que faz construir,
Castelinhos no ar!...

